

## O Titanismo na Comunicação e na Cultura: os maiores e os melhores do mundo

Malena Segura Contrera

(Universidade Católica de Santos e Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: O texto trata do fenômeno do titanismo na cultura e na comunicação humanas, a partir de uma grade teórica múltipla, apontando para as origens primitivas desse titanismo e refletindo sobre suas principais formas de atuação contemporâneas: a megalomania e os excessos, a ausência de limites e parâmetros organizacionais, a aceleração imposta ao ritmo comunicacional pelos novos meios tecnológicos, etc. Trata também de algumas consequências desse quadro titânico: a incompetência simbólica e a crise do real, a iconofagia, a falência dos vínculos comunicativos e a inversão do papel social dos meios.

### Os maiores e os melhores do mundo

*“O maior sucesso de todos os tempos entre os dez maiores  
fracassos  
Não importa a contradição  
O que importa é a televisão  
Dizem que não há nada com que você não se acostume  
Então cala a boca e aumenta o volume”  
Titãs*

A nossa época é repleta de grandiosismos, presentes em todas as áreas da vida humana: viver mais (e se possível para sempre) é o que prioritariamente perseguiu a medicina do século XX, ter cada vez mais

dinheiro e enriquecer indefinidamente é o modelo de sucesso dos países capitalistas, modelo esse que aos poucos seduz o cenário mundial e que é claramente divulgado pelo imaginário midiático, como estamos todos acostumados a comprovar cotidianamente. No jogo político mundial busca-se incessantemente o aumento do poder político que, viabilizando-se por meio do poder econômico e pela implantação de uma estética do consumo que a tudo submete, pratica quase sempre uma política predatória e planetariamente suicida<sup>1</sup>.

No universo da comunicação, a hipereposição e a superinformação configuram claramente o cenário de saturação no qual submerge todo o aparato midiático e no qual impera a quantidade e a pseudo-eficiência do mais, do melhor e especialmente do mais rápido, às custas do sacrifício do sentido, do corpo e dos vínculos comunicativos, defasando enormemente as conexões sociais.

Traço fundamental da Modernidade, já apontado pelos autores que dedicadamente a estudaram, o titanismo foi claramente identificado por esses pensadores, até mesmo pelos que se anteciparam a anunciar o mundo moderno, como por exemplo Goethe o fez em Fausto<sup>2</sup>, apontando para o fato de que o titanismo é um traço cultural humano muito mais antigo do que imaginamos, e que a Modernidade apenas o fez eclodir e amplificar.

Sobre esse titanismo em Goethe, por exemplo, Marshal Berman comenta que Fausto representa o homem moderno na medida em que

*“Ele precisa participar da vida social de uma maneira que faculte ao seu espírito aventureiro uma contínua expansão e crescimento.” (M. Berman: 1987: 47)*

A busca de expansão e crescimento contínuos e ilimitados, que se tornou explicitamente identificável na Modernidade, mas que, como sabemos, já estava lá em Prometeu, é um dos traços fundamentais de nossas sociedades contemporâneas e é também um dos sinais básicos, para os sistemas vivos, de que se está prestes a colapsar, como não cansam de nos alertar os cientistas da

---

<sup>1</sup> Contra a insanidade dessa política predatória que desconsidera a dimensão ecológica planetária, incluindo-se a ecologia humana e as socioesferas, muitas vezes tem se levantado. Sugerimos apenas alguns dos autores que mais se dedicaram ao tema na última década e nos textos dos quais certamente encontramos um retrato bastante relevante dessa crise a qual me refiro: James Lovelock, Edgard Morin, Francisco Varela, Humberto Maturana, William Irwin Thampson, Henry Atlan, Lynn Margulis, Hazel Henderson, John Todd, Fritjot Capra, e outros.

<sup>2</sup> O próprio Goethe, que inicia Fausto em torno de 1770, é inspirado em narrativas orais muito anteriores sobre a personagem e a tragédia que ela encena, como apresenta Jerusa Pires Ferreira em seu livro *Fausto no horizonte* (Educ/Hucitec, S. Paulo, 1995).

complexidade que, já há várias décadas ocupando-se dessas questões, apontam para a necessidade de uma política global que leve em questão a sustentabilidade, palavra de ordem nos fóruns mundiais de discussão dos últimos tempos. Muito se fala também que toda a reorganização possível do atual estado de coisas terá de ser uma reorganização que integre na prática diversas frentes de ação, entre elas, e de grande poder estratégico, a frente de ação das comunicações. Isso leva até mesmo físicos, como F. Capra<sup>3</sup>, por exemplo, a ocuparem-se de questões advindas da relação entre cultura e comunicação.

A comunidade científica mundial, às vezes paquerada pela comunidade política, diagnosticou amplamente os riscos e as conseqüências do titanismo e discute a dimensão da crise planetária que enfrentamos (na qual esse mesmo titanismo ocupa um lugar de destaque), quase sempre propondo estratégias presentes e futuras para se lidar com ela.

Perguntamo-nos, no entanto, como a área de Comunicação está refletindo sobre esse titanismo. Além de poucos autores, constantemente acusados de catastrofistas, o tom dominante dos discursos sobre comunicação é o da empolgação tecnológica e o da adesão incontestante aos valores titânicos da supereficiência (especialmente os que abrigam motivações econômicas), da rapidez até o ponto de fusão que elimina as relações concretas, do hiper/texto, do hiper/real do hiper/tudo que se funde em nada.

Que fascínio é esse que nos exerce o titanismo que nos faz festejá-lo mesmo que ele abrigue nosso próprio suicídio?

## Onde se escondem os Titãs?

*“O crescimento humano tem custos humanos; qualquer um que o deseje tem de pagar o preço, e o preço é altíssimo.”*

M. Berman, em *Tudo que é sólido desmancha no ar*

---

<sup>3</sup> Um exemplo claro de como as questões relativas à área da Comunicação tem interessado e preocupado a comunidade científica mundial pode ser encontrado no capítulo 3 do livro *As conexões ocultas* (2002), de F. Capra.

Diferente de outras figuras da mitologia greco-romana, apresentadas nos relatos míticos por meio de uma profusão de imagens e situações nas quais podemos reconhecer claramente metáforas da alma humana (do processo de hominização e das fases e meandros do desenvolvimento da consciência humana), as referências que temos aos Titãs são muito pobres.

Sobre eles, J. de Souza Brandão diz que:

*“Os Titãs simbolizam, consoante Paul Diel, as forças brutas da terra (...) representam eles as manifestações elementares, as forças selvagens e insubmissão da natureza nascente, prefigurando a primeira etapa da gestação evolutiva. Ambiciosos, revoltados e indomáveis, adversários do espírito consciente, representado por Zeus, não simbolizam apenas as forças brutas da natureza, mas, lutando contra o espírito, exprimem a oposição à espiritualização harmonizante. Sua meta é a dominação, o despotismo. (J. de Souza Brandão: 1986: 196-197)*

Resgatando essa referência ao estágio primitivo, pré-consciente, e portanto, pré-representacional do homem representado pelos Titãs, e valendo-se dos preciosos estudos de Karl Kerényi sobre o tema, Rafael López-Predaza, em seu interessante estudo sobre a ansiedade cultural (que, segundo, ele está intrinsecamente ligada aos Titãs), assim situa o titanismo:

*“Os tempos titânicos podem ser visualizados como um período de transição entre o homem primitivo e o homem culto, civilizado. Um período durante o qual não existiam nem o ritual, nem o culto do homem primitivo, nem a imaginação antropomórfica bem definida do homem...”*  
(R. López-Pedraza: 1997: 12)

Carentes de uma imagética que os represente, que nos dê pistas do que eles significam para a psique humana, os Titãs podem ser considerados um arquétipo<sup>4</sup> dos mais primitivos, e por isso seu sentido nos é tão dificilmente apreensível.

---

<sup>4</sup> Usamos nesse momento o termo “arquétipo” por falta de uma designação mais apropriada para esses conteúdos da memória humana primitiva, já que os Titãs seriam, na realidade, o anti-arquétipo por carecerem justamente da força imagética e simbólica do arquétipo.

López-Pedraza refere-se ainda a essa pobreza imagética, à dificuldade que o homem tem de conferir um sentido preciso aos Titãs, sugerindo que o lugar por eles ocupado em nossa memória arquetípica é especialmente incômodo para um homem que se constitui por meio da linguagem, por meio das capacidades simbólicas de representação do mundo em que habita:

*‘Existem áreas em nossas psiques, ou em nossas vidas, em que não temos reflexão porque não há imagens e, por isso, não temos sentimentos para avaliar. Tendo em mente esses dois elementos básicos do titanismo – sua vacuidade por um lado, seu excesso por outro (...) Nosso desafio consiste em levar a reflexão para o que não tem limites, o que não é arquetípico; para o que, paradoxalmente, não pode ser refletido porque não há imagem, mas que pode ser detectado através de sua própria retórica titânica.’ (R. López-Pedraza: 1997: 19)*

Esse lugar da vacuidade, dos “nomes vazios” ocupados pelos Titãs, é o lugar onde a capacidade imagética humana falha, é uma experiência que escapa à nossas competências simbólicas e aponta para o lugar e para o momento no qual algo foge às nossas possibilidades de elaboração consciente.

Frente ao titanismo, estamos diante da manifestação de um fenômeno que nos diz respeito, que nos pertence, mas que pertence exatamente ao ponto cego, ao escuro primitivo que há em nós. Talvez por isso não nos deva causar estranhamento o fato de nossa sociedade contemporânea (nossos valores, nossa política, nossa economia, nossas comunicações) estar rendida ao titanismo em suas manifestações mais sombrias, e ao excesso e à vacuidade que ele representa.

Esse titanismo que está na realidade impresso em nossa cultura é, segundo Pedraza, justamente um traço não-humano que sobrevive no seio do humano, um fenômeno que nega a base da natureza humana (sua consciência, seu caráter imaginante, a dimensão semiótica que o constitui). Nesse sentido, o titanismo pode então ser entendido como um traço de autodestruição que nosso sistema abriga, uma manifestação da pulsão de morte que S. Freud tão bem identificou, de maneira que é muito fácil associar suas manifestações a uma espécie da empreitada humana suicida que em tudo se assemelha ao que J. Baudrillard, ao falar da ideologia que subjaz aos projetos de clonagem (nos quais é possível inferir uma eugenia disfarçada) e às pesquisas que

acompanham esses projetos (transgênicos, nanotecnologia nos implantes e nas próteses), diagnosticada como:

*“.. a tendência a sacrificar a espécie inteira em nome da experimentação ilimitada.” (J. Baudrillard: 2001: 23)*

Experimentação essa que sempre se justifica pelo desejo também ilimitado da supereficiência e da imortalidade, já que:

*‘Em sua busca cega para obter um conhecimento maior, a humanidade programa sua própria destruição com a mesma ferocidade e falta de cerimônia com que se dedica à destruição de todas as espécies restantes.’ (J. Baudrillard: 2001: 22-23)*

“Experimentação ilimitada”, “conhecimento maior”, ferocidade (e voracidade), desejo de superar todos os limites, inclusive o limite final da mortalidade – são exatamente essas as marcas do titanismo.

## **Supercomunicação e hipermídia**

Para melhor compreender o titanismo na comunicação e na mídia, recorreremos à feliz síntese que López-Pedraza propõe da manifestação dos aspectos titânicos que podem ser identificados na cultura e no comportamento humanos:

*“.. o aspecto titânico que estamos procurando no homem: nem leis, nem ordem, nem limites; só excesso.”  
(R. López-Pedraza: 1997: 18)*

A **ausência de leis** está diretamente relacionada à incompetência simbólica da qual nos referimos na introdução deste texto<sup>5</sup>, afinal, as leis implicam exatamente na normatização que os códigos abrigam, nas convenções sociais sem as quais a linguagem não se constitui e não mantém sua eficácia como instrumento comunicativo nas sociedades.

Muito se tem discutido contemporaneamente sobre a (in)capacidade de realizar o projeto sociocultural da construção e da manutenção de códigos comunicativos que dêem conta da complexidade das redes sociais contemporâneas, garantindo sua coesão, ou seja, garantindo uma rede de vinculação comunicativa que possibilite a constante e necessária reorganização dos sistemas sociais, sabidamente críscos e sujeitos ciclicamente a enormes desordens.

Nesse contexto, as comunicações têm se realizado por meio de práticas semióticas que não dão mais conta da representação, via linguagens, dos fenômenos que irrompem no cotidiano social.

Assistimos, no seio da sociedade da clonagem e da onipresente cibercultura, e das práticas comunicativas e midiáticas que nesse ambiente se desenvolvem, ao que, nas palavras de J. Baudrillard, podemos chamar de “extermínio do real”.

O símbolo, que é representação, e que por isso não pode prescindir da experiência humana de um real<sup>6</sup>, morre lentamente na substituição gradativa e decisiva que nossa época realiza das representações pelos simulacros, na constante presentificação dessa simulação, desse hiper-real, titânico já no superlativo que o designa. Com a crise das práticas representacionais, temos também a crise da dimensão relacional<sup>7</sup> que elas implicam, afinal:

*‘Nada é idêntico a si mesmo. Nós nunca somos iguais, exceto, talvez, no sono e na morte. A própria linguagem nunca significa o que ela quer dizer; ela sempre significa alguma outra coisa, por conta de sua*

---

<sup>5</sup> Se o leitor desejar conhecer melhor as idéias da autora sobre o fenômeno da incompetência simbólica no Jornalismo, sugere-se a leitura do texto “Jornalismo e mídia: paranóia e crise das competências simbólicas”, publicado na revista virtual Ghrebh-: [www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br).

<sup>6</sup> Neste momento, referimo-nos às experiências das Ciências Cognitivas que nos apontam claramente as profundas relações entre representação e motricidade, ou seja, entre pensamento simbólico e vivências corporais, conforme apresentado, por exemplo, por Francisco Varela, em seu livro *Sobre a competência ética*. A presente autora refere-se mais demoradamente a essa questão em seu livro *Mídia e pânico*, para o qual remetemos o leitor que se mostre interessado por essa questão.

<sup>7</sup> Essa dimensão relacional é apresentada por diversos autores como fundamental antropologicamente para a constituição de todo projeto humano. Chamada de princípio relacional pelos teóricos da complexidade (Edgar Morin e outros), Gregory Bateson, em seus estudos sobre “o padrão que une”, em seu livro *Natureza e Espírito*, refere-se a essa dimensão quando discorre a respeito das relações metafóricas presentes no mundo vivo.

*irreduzibilidade, ausência ontológica de si mesma.” (J. Baudrillard: 2001: 77)*

Quando o homem não mais pode tolerar sua incômoda situação de busca infinita pelo significado fugidio da linguagem, o símbolo é então gradativamente substituído pela imagem devoradora, no processo que Norval Baitello Júnior, em diálogo com a pesquisa de Dietmar Kamper, chama de iconofagia.

A respeito da iconofagia, N. Baitello Jr. afirma:

*“Assim, o mundo das imagens iconofágicas possui uma dimensão abismal. Por trás de uma imagem haverá sempre uma outra imagem que também remeterá a outras imagens.” (N. Baitello Jr.:21/05/02 : 3)*

Esse processo, exacerbado no século passado, continua a adquirir contemporaneamente cada vez mais força, em um movimento histórico que concilia os novos valores da globalização (econômicos e mercadológicos) com a implantação de uma estética da quantidade e da velocidade, titânicas e bem traduzidas na voracidade da iconofagia apontada pelo autor:

*“Quanto mais aumenta a avidez (por imagens), menos seletiva e menos crítica se tornam a sua recepção e a sua oferta. Quanto menos seletiva e menos crítica sua recepção, tanto menos vínculos e relações, tanto menos fios e elos, tanto menos horizontes e expectativas, tanto menos consideração por tudo que está ao lado, tanto menos ética, tanto menos história.*

*No desgaste e na perda da capacidade de vincular, de relacionar, é que se dá a inversão do processo devorador: de devoradores indiscriminados de imagens passamos a ser indiscriminadamente devorados por elas.” (N. Baitello Jr.: 21/05/02: 4)*

Os Titãs sempre foram descritos mitologicamente como vorazes. E agora podemos ver que os Titãs nos devoram de maneira diferente do que imaginávamos: eles devoram nosso universo semiótico. Em uma época de hiperconectividade técnica, eles devoram nossa capacidade de estabelecer vínculos, elos, fios, conexões de fato comunicativas, imaginativas, que

extrapolem a dimensão utilitarista e funcionalista da técnica (técnica essa que sabemos não é só utilitarista e funcionalista, mas que também sabemos estar sendo quase que exclusivamente dessa maneira usada).

Ou seja, realizando a mais radical forma de devoração, os Titãs nos devoram em nossa própria humanidade e naquilo sobre o qual ela se funda: a complexidade<sup>8</sup> escondida nas operações simbólicas, nos textos simbólicos nos quais vivem os deuses que derrotaram os Titãs.

Por meio da iconofagia vemos realizar-se mais um traço que define o titanismo: o **excesso**. Em nossa época buscamos desesperadamente os superlativos, sem percebermos que ele esconde nossa própria megalomania, traço prometeico (e Prometeu era um titã) que a tudo inflaciona e enfeia e que nos entorpece, como afirma James Hillman,<sup>9</sup> ao falar sobre esse processo de destruição das sensibilidades, submersas na patologia coletiva da enormidade.

Enormidade essa também escondida sob o pretexto do politicamente correto desenvolvimento, a respeito do qual vale lembrar as palavras de Berman:

*“É como se o processo de desenvolvimento, ainda quando transforma a terra vazia num deslumbrante espaço físico e social, recriasse a terra vazia no coração do próprio fomentador.” (M. Berman: 1987: 67)*

O vazio titânico dos corações humanos, solitários e incomunicáveis.

## Sem ordem e sem limites

A ausência de ordem ou de limites é outro traço apontado por R. López-Pedraza como constitutivo das manifestações centrais do titanismo. Essa ausência intrínseca de uma ordem possível, mas principalmente de limites referenciais, pode ser claramente identificada nas novas formas de organização temporais propostas pela sociedade que se ergue a partir das

---

<sup>8</sup> Sabemos que um sistema complexo só permanece se nele estiverem respeitadas sua coerência e sua conectividade, ou seja, se os vínculos estiverem vivos, bem alimentados e cumprindo seu papel.

<sup>9</sup> Recomendo sobre esse ponto, o belo texto “E o que é enorme é feito”, do livro *Cidade e alma*, de James Hillman.

comunicações virtuais, da nova ordem mundial que, para simular o real, mergulha na construção de um tempo radicalmente dissociado do tempo biológico<sup>10</sup>, um tempo absoluto, utilizando para isso as redes de informação mundiais e implantando a fulminante velocidade do tempo real na comunicação.

O tempo real da comunicação do ciberespaço, muito longe de reproduzir ou respeitar a realidade do tempo real da comunicação humana primária, da comunicação dos corpos humanos, propõe a velocidade e a vertigem dos sistemas artificiais, impondo um instantaneísmo que a tudo funde numa operação de indiscriminação, abolindo os rituais comunicativos e as marcas organizacionais.

J. Baudrillard trata desse fenômeno, chamando a atenção para o fato de que as ‘rodovias da informação’ convertem-se em ‘rodovias da desinformação’, e sugerindo que nessa situação podemos ver um sintoma compulsivo:

*“.. uma compulsão de correr em direção à realização incondicional do real.” (J. Baudrillard: 2001: 71)*

E afirma ainda que isso gera um curto-circuito total, assim apresentado:

*‘Na realidade virtual, a transparência absoluta converge com a simultaneidade absoluta. Chamamos este curto-circuito e a instantaneidade de todas as coisas na informação global de ‘tempo real’. O tempo real pode ser visto como o Crime Perfeito perpetrado contra o próprio tempo: pois, com a ubiqüidade e a disponibilidade instantânea da totalidade da informação, o tempo atinge o seu ponto de perfeição, que também é o seu ponto de desaparecimento. Porque, naturalmente, um tempo perfeito não tem memória nem futuro.’ (J. Baudrillard: 2001: 71-72)*

O tempo perfeito da cibercomunicação é o tempo dos Titãs, um tempo no qual vemos inflacionar sua velocidade, sua ‘eficiência’, ao ponto da fusão de todos os demarcadores simbólicos temporais, resultando no crime perfeito

---

<sup>10</sup> Sobre essa dissociação entre o tempo biológico e o tempo social da comunicação, remeto o leitor à leitura do texto ‘Ordem cultural e ordem natural do tempo’, de Vicente Romano, na biblioteca do site: [www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br).

dos Titãs contra a humanidade simbolizante. O apagamento da memória equivale, nesse sentido, à ineficácia das formas culturais (já que a cultura, por ser necessariamente cumulativa, equivale à função memória de uma sociedade) em atuarem como reorganizadoras dos conflitos sociais. Ficamos sem memória, logo sem identidade, às buscas de um símbolo diretor qualquer, normalmente oferecido pela publicidade e pela mídia (ou pela nova televisão).

Como um desdobramento dessa nova situação, assistimos à dissolução dos rituais sociais da comunicação, já que com uma noção implodida de espaço e tempo, os rituais comunicativos, que fundamentalmente cumprem o papel de organizadores, desfiguram-se e desaparecem, deixando em seu lugar uma ansiedade e uma falta de sentido igualmente titânicas, e uma profusão de imagens que a tudo devoram na tentativa de preencher essa vacuidade.

O ritual, primeiro substituído pelo espetáculo, é definitivamente trocado pelo simulacro, e as noções espaço-temporais resultantes das formas de organização advindas das experiências concretas transformam-se no “instante absoluto midiático”, do qual fala P. Virilio, quando discorre sobre a dromologia<sup>11</sup> e as motivações políticas e econômicas que essa nova ordem instantaneísta abriga.

Outra das consequências relevantes da dissolução dos rituais cotidianos da comunicação, e do instantaneísmo que ocupa seu lugar, é a implantação de um estado de tensão permanente e absoluto (apenas sístole, sem diástole) que predispõe o homem à busca de qualquer operação catártica possível (mimese malfadada da transcendência perdida com o ritual), quase sempre encontrada nas mercadorias da indústria do lazer, lazer esse resumido cada vez mais à estética da velocidade, do susto e do grotesco.

## **A mídia in(per)versa**

A quebra dos limites espaciais, operada pelo espírito titânico de nossa época, contribui ainda para a realização de uma profunda inversão do papel de mediadores que, teoricamente ao menos, os mídia deveriam desempenhar: ao invés de serem utilizados para vincular, os meios passam a funcionar como

---

<sup>11</sup> Segundo P. Virilio, a dromologia é “a disciplina que estuda a velocidade como meio político”, em entrevista concedida em 18/10/01 a Juremir Machado da Silva, no site [www.uol.com.br/tropico](http://www.uol.com.br/tropico).

amplificadores da distância, como “separadores simbólicos”, indo dessa forma na contramão da unificação proposta pelo sentido mesmo do sím/bolo (e ironicamente nos jogando em uma situação dia/bólica). Afinal, devemos levar em consideração que nas sociedades contemporâneas – superpopulosas<sup>12</sup> e densamente concentradas – impera a ausência de sinais espaciais que demarquem a separação entre as pessoas, o que resulta numa situação de excessiva proximidade que estrangula o movimento necessário para a criação de vínculos identitários, ou para a eleição de grupos de afinidade. Não havendo então igualdade, nem diferenciação, resta para o homem das megacidades apenas uma sensação de incômodo, de ser, paradoxalmente, invadido continuamente em sua própria solidão.

Nesse contexto, torna-se claro como a mídia muda de papel, adquire novo uso e passa a ser utilizada como um meio de criar uma distância simbólica (possibilidade dada pela técnica, pelos aparelhos), funcionando como um afastador e invertendo radicalmente sua função inicial de mediação, vinculação, junção do que está separado e anseia por reunir-se (não é esse, afinal, o sentido central da transcendência?).

E como a mídia não conecta mais, ela se torna apenas produto-oferta de imaginários (iconofágicos) a serem consumidos. Temos, enfim, a devoração titânica que se traduz na gula e no consumo com os quais nos precipitamos na busca da perfeição e do sucesso megalomaniacos.

Talvez seja preciso nos juntarmos a Baudrillard em seu manifesto contra a infinita presunção da ciência e da comunicação positivistas, ainda que disfarçadas de otimismo tecnológico, que festejam a eficiência e o sucesso (e o lucro), apagando todos os vestígios incômodos da humanidade:

*“Contra o extermínio do mal, da morte, da ilusão, contra este Crime Perfeito, devemos lutar pela imperfeição criminosa do mundo. Contra este paraíso artificial de tecnicidade e virtualidade, contra a tentativa de construir um mundo totalmente positivo, racional e verdadeiro, precisamos resgatar os vestígios da opacidade e do mistério definitivos do mundo ilusório.”*  
(J. Baudrillard: 2001: 81)

---

<sup>12</sup> Interessante reflexão sobre o fenômeno da densidade demográfica pode ser encontrado no livro *Os oito pecados mortais da civilização*, de K. Lorenz.

**Bibliografia:**

- BAITELLO JR., N. (1987) *O animal que parou os relógios*. Ed. Annablume, S. Paulo.
- BAUDRILLARD, J. (2001) *A Ilusão Vital*. Civilização Brasileira, R. de Janeiro.
- BERMAN, M. (1987) *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Cia. das Letras, S. Paulo.
- BRANDÃO, J. DE S. (1986) *Mitologia Grega*, vol. 1. Ed. Vozes, Petrópolis.
- CAPRA, F. (2002) *As conexões ocultas – ciência para uma vida sustentável*. Ed. Cultrix/Amana Key, S. Paulo.
- CONTRERA, M. S. (2002) *Mídia e pânico*. Ed. Annablume, S. Paulo.
- HILLMAN, J. (1993) *Cidade e Alma*. Studio Nobel, S. Paulo.
- LÓPEZ-PEDRAZA, R. (1997) *Ansiedade Cultural*. Ed. Paulus, S. Paulo.
- LORENZ, K. (1992) *Os oito pecados mortais da civilização*. Ed. Litoral, Lisboa.
- SCHNITMAN, D. F. (org.) (1996) *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre.
- THOMPSON, W. I. (org.) (2000) *Gaia – uma teoria da conhecimento*. Ed. Gaia, S. Paulo.
- VARELA, F. (1992) *Sobre a competência ética*. Ed. 70, Lisboa.
- VIRILIO, P. (1999) *A bomba informática*. Estação Liberdade, S. Paulo.

**Outras Fontes:**

Artigos de Norval Baitello Júnior, Dietmar Kamper e de Vicente Romano, do site: [www.cisc.org.br/biblioteca](http://www.cisc.org.br/biblioteca)

Artigo ‘Jornalismo e mídia: paranóia e crise das competências simbólicas’, de M. S. Contrera, do site: [www.cisc.org.br/ghrebh](http://www.cisc.org.br/ghrebh)

Entrevista de Paul Virilio, do dia 18/10/01, do site: [www.uol.com.br/tropico](http://www.uol.com.br/tropico)